

LOCALISMO GLOBALIZADO VS. GLOBALISMO LOCALIZADO: O CHOQUE CULTURAL COM O FUNDAMENTALISMO

GLOBALIZED LOCALISM VS. GLOBALISM LOCALIZED: THE CULTURAL SHOCK WITH FUNDAMENTALISM

Jorge Alberto Signor¹

¹ Advogado, graduado em Direito pela URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Campus de Frederico Westphalen, Rio Grande do Sul. Pós Graduado em Direito do Estado pela UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, aluno regular de Mestrado em Direito pela FMP – Fundação Escola Superior do Ministério Público. signor.jorge@gmail.com

Resumo

Em princípio, o termo globalização foi pensamento pura e simplesmente num contexto econômico e comercial, sem atentar para uma compreensão da totalidade a qual influencia. Sendo um fenômeno multifacetado, reduzi-lo às dimensões puramente econômicas seria subjugar seu alcance, de modo a ignorar a dimensão cultural e social desse fenômeno. Assim, pensar a globalização no âmbito social e cultural implica, sobretudo, compreender os seus efeitos sobre a vida das comunidades e sujeitos. Portanto, o objetivo deste trabalho é propor uma discussão face aos efeitos sociais e culturais gerados pelo globalismo, num paralelo entre globalismo localizado vs localismo globalizado, trazendo à baila as consequências geradas por esse fenômeno nas comunidades culturalmente mais ortodoxas e, ainda, como a influência do globalismo acaba por eclodir, na busca por identidade, no surgimento do fundamentalismo religioso.

Palavras-chave: Globalismo localizado; Localismo Globalizado; Choque cultural; Dominação; Fundamentalismo

Abstract

In principle, the term globalization was thought purely and simply in an economic and commercial context, without paying attention to an understanding of the totality to which it influences. Being a multifaceted phenomenon, reducing it to purely economic dimensions would be to subjugate its scope, in order to ignore the cultural and social dimension of this phenomenon. Thus, thinking globalization in the social and cultural spheres implies, above all, understanding their effects on the life of communities and subjects. Therefore, the objective of this work is to propose a discussion of the social and cultural effects generated by globalism, in a parallel between localized globalism and globalized localism, bringing to light the consequences generated by this phenomenon in culturally more orthodox communities and, Of globalism ends up hatching, in the search for identity, in the emergence of religious fundamentalism.

Keywords: Cultural shock; Domination; Fundamentalism; Globalized Localism; Localized Globalism.

1 Introdução

O fenômeno da globalização, em que pese nos últimos vinte anos ter encontrado seu ápice, pode ser caracterizado como surgido nos idos do século 18, quando do início da expansão marítima no continente Europeu. Em sua origem, a globalização visava o aumento de mercado e a conseqüente busca por maiores lucros, num momento em que a Europa saía de um regime feudal em crise e, através da exploração marítima, partia atrás de outras fontes de consumo e também fornecedoras de matéria prima. Desde então, o comércio marítimo tomou contornos inimagináveis em seus primórdios, conectando pessoas, cultural e mercados de um modo jamais visto. Ao mesmo tempo em que explora o viés econômico, a globalização traz consigo diversos efeitos colaterais que, se não eram sentidos no início, não há mais como ignorá-los em pleno século 21. Em assim sendo, o presente artigo busca abordar esse movimento globalizante, de modo a demonstrar o caminho sem volta que ele representa² e, buscando explorar o aspecto social e cultural da globalização, argumentar como esse processo pode ser decisivo para o desencadeamento de fundamentalismos religiosos.

2 Globalização: para além do aspecto econômico

Com registros mais precisos contando do início do século 18, a navegação marítima comercial foi o primeiro passo dado no sentido de globalizar o mundo. Globalizar, aqui, poderia ser entendido como interligar o globo de modo a encurtar distâncias e prospectar lucros – sentido econômico inicial da globalização.

2 Quando refiro-me a “sem volta”, refiro-me ao sentido de que, uma vez que o mundo está inteiramente conectado e globalizado, não há mais como retroceder ao isolamento em que se vivia em seus primórdios. Muito pelo contrário: quanto mais passa o tempo, mais conectado estará o mundo.

Todavia, com o passar dos anos, a condição puramente econômica do globalismo tomou ares cada vez maiores, de modo a uma comunidade influenciar social e culturalmente outros lugares do mundo. Assim, numa abordagem primeira, podemos buscar as palavras de Giddens, o qual define globalização como “a intensificação de relações sociais e mundiais que une localidades distantes de tal modo que os acontecimentos locais são condicionados por eventos que acontecem a muitas milhas de distância e vice versa”³.

Como se pode observar, pela simples definição de Giddens, a qual abre o trabalho, a globalização é um fenômeno muito maior que puramente econômico. É algo muito mais complexo que isso, de modo que ações de um lado do globo influenciam diretamente em consequências no outro lado. De outra banda, Boaventura de Sousa Santos propõe que “a globalização é o processo pelo qual determinada condição ou entidade local estende a sua influência a todo o globo e, ao fazê-lo, desenvolve a capacidade de designar como local outra condição social ou entidade rival”⁴

Segundo Boaventura de Sousa Santos, “uma revisão dos estudos sobre os processos de globalização mostra-nos que estamos perante um fenômeno multifacetado com dimensões econômicas, sociais, políticas, culturais, religiosas e jurídicas interligadas de modo complexo”⁵. Complementa, ainda, que “nos debates acerca da globalização há uma forte tendência a reduzi-la às suas dimensões econômicas. Sem duvidar da importância de tal dimensão, penso que é necessário dar igual atenção às dimensões social, política e cultural”⁶.

É cristalino, portanto, que as dimensões atuais da globalização vão muito além de seu aspecto puramente econômico, interferindo diretamente na condição política, social

3 GIDDENS, Anthony. Sociologia. Tradução do original inglês intitulado SOCIOLOGY. 6ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008. p. 64.

4 SANTOS, Boaventura de Sousa. As tensões da modernidade. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e Centro de Estudos Sociais.

5 SANTOS, Boaventura de Sousa. A globalização e as ciências sociais. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 26.

6 SANTOS, 2002, p. 27.

e cultural das localidades ao redor do globo. Dessa forma, é inevitável que seja ao menos pensado o globalismo como fator preponderante para o surgimento de conflitos culturais e, em última instância, a propagação de fundamentalismo – em especial o religioso – ao passo que localidades menores e menos influentes perdem suas raízes para as economias ditas de primeiro mundo.

Em um território global repleto de diferenças,

O mundo continua povoado e de múltiplas e distintas formas culturais, línguas, religiões, tradições e visões do mundo, ao lado das mais diferentes formas de vida e de trabalho. Os hindus continuam imbuídos de hinduísmo e budismo; da mesma forma que os árabes de islamismos; e os europeus de cristianismo. As tradições culturais, religiosas, linguísticas e outras permanecem ou mesmo se reiteiram e, às vezes, se expandem. Mas tudo se modifica. No curso da história da globalização do capitalismo, muito do que se encontra pelo caminho se altera, tensiona, modifica, anula, mutila, recria ou transfigura.⁷

Neste sentido, temos que um fator determinante para a globalização no nível em que conhecemos hoje foi o desenvolvimento dos meios de comunicação, em especial a internet. Como bem explicitado por Giddens, “esta última (a internet) afirmou-se como a ferramenta de comunicação de maior crescimento de sempre – em 1998, havia cerca de 140 milhões de utilizadores da internet no mundo inteiro. Em 2001, são mais de 700 milhões”⁸. Comparativamente, hoje, somente no Brasil, temos mais de 139 milhões de internautas.

Giddens ressalta, ainda, que a internet é o veículo propulsor da globalização, pois:

O uso corrente da internet e dos telemóveis aprofunda e acelera os processos de globalização. Um número crescente de pessoas ficam ligadas entre si graças ao recurso a estas tecnologias, e fazem-no em lugares antigamente iso-

7 IANNI, Octavio. Teorias da Globalização. 2º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996. p. 136.

8 GIDDENS, 2008, p. 53

lados ou deficientemente abrangidos pelo sistema tradicional de comunicação.⁹

Assim, nessa interligação global, é evidente que a interação social, política e cultural é concomitante com a interação econômica, mormente a todo o anteriormente exposto. É nesse espaço de choque social e cultura que se desenvolve a maior problemática da globalização – aliada, sempre, ao aspecto econômico.

Na medida em que se dá a globalização do capitalismo, como modo de produção e processo civilizatório, desenvolve-se simultaneamente a sociedade global, uma espécie de sociedade civil global em que se constituem as condições e as possibilidades de contratos sociais, formas de cidadania e estruturas de poder de alcance global. Nessa mesma medida, desenvolvem-se as relações e os processos característicos da globalização, formam-se as estruturas de poder econômico e político também característicos da globalização.¹⁰

O que está nas entrelinhas do processo de globalização, em especial no aspecto cultural, político e social, é que eles vêm carregados invariavelmente do aspecto econômico. A globalização é um processo ocidental, originário da Europa e Estados Unidos – países de Primeiro Mundo – num movimento em direção aos países em desenvolvimento. Se antes existia alguma resistência a esse sistema (capitalista), após o fim da Guerra Fria, com a dissolução da União Soviética, o capitalismo não mais encontrou barreiras para dominar as relações de mercado.

Um certo número de influências está a fazer avançar o actual processo de globalização. Uma das mais importantes foi o colapso do comunismo de estilo soviético que teve lugar na Europa de Leste em 1989, numa série de revoluções dramáticas que culminaram na dissolução da própria União Soviética em 1991. Com a queda dos regimes comunistas, os países que constituíam o “bloco” soviético – Rússia, Ucrânia, Polónia, Hungria, República Checa, Estados Bálticos, países do Cáucaso e Ásia Central, e muitos

9 GIDDENS, 2008, p. 53.

10 IANNI, 1996, p. 163.

outros – estão agora mais próximos do sistema econômico e político de estilo ocidental. Deixaram de estar isolados da comunidade mundial, integrando-se cada vez mais nela. Esse acontecimento traduziu-se no fim do sistema que existia durante a Guerra Fria, quando havia uma separação entre países do “Primeiro Mundo” e do “Segundo Mundo”. O colapso do comunismo contribuiu para o incremento dos processos de globalização [...]”¹¹

Com isso, o sistema capitalista adentrou em todos os continentes, países e comunidades, levando consigo o processo de globalização que culmina com o globalismo social, cultural e político que tanto se fala. E, nesta seara, é onde se iniciam os problemas.

3 Localismo globalizado vs globalismo localizado

Do mesmo modo que a globalização encurta distâncias, transforma o comércio e abre portas para o conhecimento, também há de se delimitar seu caráter prejudicial. Não que se queira, de uma maneira pessimista, condenar a globalização, que tantos benefícios trouxe para a sociedade como um todo. Até porque esse processo globalizante é irreversível. Mas busca-se, sim, um contraponto a essa ideia, de modo a demonstrar os efeitos colaterais que resultam desse processo.

O que muitos autores mencionam é que a globalização, a priori, deve ser sempre considerada no modo plural. E, por assim ser, propõe o surgimento de diversas formas de globalização: (a) localismo globalizado; (b) globalismo localizado; (c) cosmopolitismo e (d) patrimônio comum da humanidade. Para este trabalho, ater-se-á tão somente às duas primeiras formas – de modo a apenas mencionar as duas últimas.

Importante, então, definir os termos supramencionados, a começar pelo localismo globalizado, de modo que, nas palavras de Boaventura:

11 GIDDENS, 2008, p. 54.

A primeira forma de globalização é o localismo globalizado. Consiste no processo pelo qual determinado fenômeno local é globalizado com sucesso, seja a atividade mundial das multinacionais, a transformação da língua inglesa em língua franca, a globalização do fast food americano ou da sua música popular, ou a adoção mundial das leis de propriedade intelectual, de patentes ou de telecomunicações promovidas agressivamente pelos EUA. Neste modo de produção de globalização o que se globaliza é o vencedor de uma luta pela apropriação ou valorização de recursos ou pelo reconhecimento da diferença. A vitória traduz-se na faculdade de ditar os termos da integração, da competição e da inclusão. [...] o localismo globalizado implica a conversão da diferença vitoriosa em condição universal e a consequente exclusão ou inclusão subalterna de diferenças alternativas.¹²

De outra banda, também busca-se nas palavras de Boaventura a definição para globalismo localizado:

À segunda forma de globalização chamo globalismo localizado. Consiste no impacto específico nas condições locais produzido pelas práticas e imperativos transnacionais que decorrem dos localismos globalizados. Para responder a esses imperativos transnacionais, as condições locais são desintegradas, desestruturadas e, eventualmente, reestruturadas sob a forma de inclusão subalterna. Tais globalismos localizados incluem: a eliminação do comércio de proximidade; criação de enclaves de comércio livres ou zonas francas [...].¹³

Nesse contexto, Boaventura ainda distingue a globalização entre “globalização de cima para baixo e globalização de baixo para cima, ou entre globalização hegemônica e globalização contra hegemônica”¹⁴. Por fim, denomina o localismo globalizado e o globalismo localizado como sendo globalizações de cima para baixo (hegemônica).

Em que pese globalização nem sempre ser sinônimo de modernização, mormente quando se refere a ocidentalização, muitas cultural não ocidentais têm se modernizado sem perder

12 SANTOS, 2002, p. 65.

13 SANTOS, 2002, p. 66.

14 SANTOS, 2002, p. 25.

sua essencial e transmitido tais costumes ao longo do globo terrestre, tais movimentos são difíceis de serem taxados de localismo globalizado, haja vista sem tão somente “a história expandida pelos perdedores”, num viés claro de não universalização e sim uma simples expansão – seja comercial, cultural ou política – de determinada localidade menos desenvolvida ao longo do globo.

De outra banda, para se falar em globalização hegemônica e globalização contra hegemônica, precisa-se adentrar na coerência interna de cada uma delas. Nesse âmbito, ainda na visão de Boaventura:

Trata-se, no entanto, de um pressuposto problemático, pelo menos no actual período de transição em que nos encontramos. Já assinaléi que a globalização contra hegemônica, ainda que reconduzível a dois modos de produção de globalização – o cosmopolitismo e o patrimônio comum da humanidade -, é internamente muito fragmentada na medida em que assume predominantemente a forma de iniciativas locais de resistência à globalização hegemônica. Tais iniciativas estão enraizadas no espírito do lugar, na especificidade dos contextos, dos actores e dos horizontes de vida localmente constituídos. Não falam a linguagem da globalização e ne sequer linguagens globalmente inteligíveis. O que faz delas globalizações contra hegemônicas é, por um lado, a sua proliferação um pouco por toda a parte enquanto respostas locais a pressões globais – o local é produzido globalmente – e, por outro lado, as articulações translocais que é possível estabelecer entre elas ou entre elas e organizações e movimentos transnacionais que partilham pelo menos parte dos seus objetivos.¹⁵

Isto posto, ao explicar o sistema interno da globalização hegemônica, entende-se porque a mesma possui mais força que a primeira: a homogeneidade e a coerência interna. Ou, nas palavras de Boaventura:

No que respeita à globalização hegemônica, os processos recíprocos de localismo globalizados e de globalismos localizados fazem prever uma maior homogeneidade e coerência internas. Tal é o caso, em particular, da globalização

15 SANTOS, 2002. p. 75.

econômica. Aí é possível identificar uma série de características que parecem estar presentes globalmente: a prevalência do princípio do mercado sobre o princípio do Estado. A financeirização da economia mundial; a total subordinação dos interesses do trabalho aos interesses do capital; o protagonismo incondicional das empresas multinacionais; a recomposição territorial das economias e a consequente perda de peso dos espaços nacionais e das instituições que antes os configuravam, nomeadamente, os Estados nacionais; uma nova articulação entre a política e a economia em que os compromissos nacionais (sobretudo os que estabelecem as formas e os níveis de solidariedade) são eliminados e substituídos por compromissos com actores globais e com actores nacionais globalizados.¹⁶

Neste viés, com a diferença crônica entre as formas de globalização, é óbvio que a mais organizada e homogênea delas há de se impor. Todavia, há de se levar em conta as profundas diferenças quando da análise dos sistemas hegemônicos e contra hegemônico, de modo a considerar as minorias afetadas por ele. Nas palavras de Milton Santos:

Um mercado avassalador dito global é apresentado como capaz de homogeneizar o planeta quando, na verdade, as diferenças locais são profundas. Há uma busca de uniformidade, ao serviço dos atores hegemônicos, mas o mundo se torna menos unido, tornando mais distante o sonho de uma cidadania verdadeiramente universal. Enquanto isso, o culto ao consumo é estimulado.¹⁷

Ressaltando a visão de como a modernização/globalização interfere na vida de comunidades menos desenvolvidas, Octavio Ianni diz que:

Na medida em que se desenvolver e generalizam, os processos envolvidos na modernização ultrapassam ou dissolvem fronteiras de todo o tipo, locais, nacionais, regionais, continentais; ultrapassam ou dissolvem as barreiras culturais, linguísticas, religiosas ou civilizatórias. Por sobre tudo o que é local e nacional, desenvolvem-se relações, processos e estruturas dinamizadas pela modernização, em geral

¹⁶ SANTOS, 2002. p. 76.

¹⁷ SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 19.

traduzida em técnicas sociais de produção e controle. Muito do que se faz e pensa no mundo passa a pautar-se pelo que é, parece ou pode ser moderno.¹⁸

E nesse contexto é onde se encaixa a problemática. Com a globalização tomando forma e passando a dominar a esteira da modernidade no mundo todo, especialmente em sua forma hegemônica, dominando as culturas predominantemente mais fracas ou fragilizadas, por óbvio há de vir um contra-ataque. Por vezes, a globalização contra hegemônica pretende ser o contraponto da globalização hegemônica mas, acredita-se, a problemática toda criada por esse sistema se manifesta e muito através do fundamentalismo, sendo este a última esperança a qual agarram-se os conservadores no intuito de afastar o globalismo localizado.

4 Fundamentalismo: o contra ataque ao globalismo localizado

Ao passo de tudo o que já foi dito, percebe-se claramente a necessidade de desvincular a globalização de seu aspecto puramente econômico porque, para além disso, ela é um fenômeno social. E, assim, incluir os aspectos políticos, culturais e sociológicos em sua avaliação é imprescindível. Neste viés, a luta contra a globalização assumiu, em grande parte, a feição ideológica de uma cruzada contra o chamado neoliberalismo, com o ocidente como alvo em especial dessa manifestação, posto que a globalização pode ser considerada como uma "cria ocidental".

Uma vez que a direção do fluxo é desequilibrada, e que continuam a existir relações desiguais de poder cultural entre "o Ocidente" e "o Resto", pode parecer que a globalização – embora seja, por definição, algo que afeta o globo inteiro – seja essencialmente um fenômeno ocidental.¹⁹

18 IANNI, 1996. p. 80.

19 HALL, Stuart. A identidade cultural na pós modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 78.

Assim, tendo esse contorno estritamente ocidental, os processos de globalização caminham em paralelo com o reforço das identidades locais, ou seja, quanto mais a globalização adentra os pequenos núcleos, mais reforça as características dos mesmos, numa queda de braço entre forças. "O fortalecimento de identidades locais pode ser visto na forte reação defensiva daqueles membros dos grupos étnicos dominantes que se sentem ameaçados pela presença de outras culturas"²⁰.

Nesse sentido, a globalização pode ser vista pelas comunidades "globalizadas" como um inimigo capital de sua forma original de ser e, no sentido de não perder sua essência, buscam confrontar esse fenômeno. E, como escudo nessa luta, muitas vezes elegem o fundamentalismo, haja vista a religião ser – se não o primeiro – o último apoio de uma sociedade lutando contra o declínio.

Na busca por uma identidade local, a religião é a melhor saída encontrada por muitos países, em especial no que diz respeito ao Oriente Médio, de modo a agarrar-se a uma cultura milenar regional e, assim, levantar barreiras contra o processo de globalização, sendo que "a religião pode ser tanto uma força conservadora como uma força de inovação na vida social"²¹. E, nesse caso, é conservadorismo puro.

Considerando a região do Oriente Médio, é possível afirmar que os critérios religiosos como o islã são definidores da construção de uma identidade coletiva, seja étnica ou nacional que, quando confrontada com uma "ocidentalização", realça seus aspectos e faz surgir o chamado fundamentalismo. Assim, "[...] se verifica uma busca de raízes particularmente profundas e fortes que sustentem opções que são dramáticas e radicais. Estaria aqui o fenômeno do fundamentalismo, tanto de índole cultural como político ou religioso"²².

Neste contexto globalizante, algumas das velhas identidades estão em franco declínio enquanto, no entanto, outras procuram sobreviver a essa fragmentação do indivíduo moder-

20 HALL, 2006. p. 85.

21 GIDDENS, 2008. p. 43.

22 SANTOS, 2002. p. 513.

no. Tanto é que, como prova, pode-se mencionar a exaltação do islã como formador sociológico dentro dos países do Oriente Médio.

Tem-se, aqui, a religião como uma característica fundamental, central e definidora das civilizações, sendo a religião o alicerce no qual repousam muitas das civilizações – se não todas elas.

A separação westfaliana da religião e da política internacional, produto idiossincrático da civilização ocidental, está chegando ao fim, e a religião tem probabilidade cada vez maior de se imiscuir nos assuntos internacionais. O choque intracivilizacional de ideias políticas gerado pelo Ocidente está sendo substituído por um choque intracivilizacional de cultura e religião.²³

É importantíssimo trazer, nesse contexto, a ideia de Stuart Hall, quando o mesmo fala acerca do movimento contrário à globalização:

A outra forma importante de revival do nacionalismo particularista e do absolutismo étnico e religioso é, obviamente, o fenômeno do “fundamentalismo”. Isto é evidente em toda parte [...] embora seu exemplo mais impressionante deva ser encontrado em alguns estados islâmicos do Oriente Médio. Começando pela Revolução Iraniana, têm surgido, em muitas sociedades até então seculares, movimentos islâmicos fundamentalistas, que buscam criar estados religiosos nos quais os princípios políticos de organização estejam alinhados com as doutrinas religiosas e com as leis do Corão. [...] certamente, o fundamentalismo iraniano foi uma resposta direta aos esforços do Xá nos anos 70 por adotar, de forma total, modelos e valores culturais ocidentais. Alguns interpretam-no como uma resposta ao fato de terem sido deixados fora da “globalização”. A reafirmação de “raízes” culturais e o retorno à ortodoxia têm sido, desde há muito, uma das mais poderosas fontes de contra-identificação em muitas sociedades e regiões pós coloniais e do Terceiro Mundo [...] Em condições de extrema pobreza e relativo subdesenvolvimento econômico (o fundamentalismo é mais forte nos estados islâmicos mais pobres da

23 HUNTINGTON, Samuel P. O choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem mundial. Tradução de M. H. C. Côrtes. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997. p. 62

região), a restauração da fé islâmica é uma poderosa força política e ideológica mobilizadora e unificadora.²⁴

A ideia de Hall ressalta a ideia de que o fundamentalismo é uma forma de contra-ataque à globalização, sendo a arma utilizada pelos países subdesenvolvidos – e resistentes à tal ideia – para manter acesas suas raízes.

E a iminência desse confronto, que de fato já está acontecendo, é mencionada por Giddens, a ver:

Muitos preocupam-se com o fato de o mundo Islâmico se estar a dirigir para um confronto com algumas partes do mundo que não partilham as suas crenças. Os países Islâmicos parecem resistir às ondas de democratização que se estão a estender pelo mundo fora. [...] os confrontos entre as visões ocidentais e islâmicas se tornaram parte de um “conflito entre civilizações” com o final da Guerra Fria e com a globalização crescente. O Estado-Nação deixou de ser a principal influência nas relações internacionais; as rivalidades e os conflitos ocorrerão, por isso, entre as grandes culturas e civilizações.²⁵

Observa-se, portanto, que a busca por uma identidade regional, que dissocie o indivíduo do globalizado, é o que baliza essa busca fundamentalista de algumas regiões, na ânsia de rejeitar o “ocidentalmente imposto” e ressaltar assim suas próprias raízes, marcando seu lugar no globo.

Sendo a religião um modo de organização social, é entendível o porquê da força de tal fenômeno. Situa-se como a característica mais enraizada e, quem sabe, a que mais diferencie o resto do mundo de um Ocidente predominantemente cristão e, nesse diapasão, torna-se o maior contraponto à cultura ocidental.

Para Castells, “o fundamentalismo religioso, as comunidades territoriais [...] são todas manifestações do que denomino exclusão dos que excluem pelos excluídos, ou seja, a construção de uma identidade defensiva nos termos das instituições,

24 HALL, 2006. p. 95.

25 GIDDENS, 2008. p. 564.

ideologias dominantes que revertem o julgamento de valores reforçando os limites da resistência”²⁶.

A religião torna-se, assim, uma resposta ao sentimento de alienação e anomalia criados pela modernização, à medida que laços tradicionais e relações sociais são rompidos, conduzindo muitas vezes à crises de identidade dentro do sistema. E, nesse contexto, as sociedades islâmicas têm tido muitas dificuldades com a modernização.

Huntington traduz claramente esse sentimento – a rejeição à modernização – dada pelo islamismo:

Enquanto os asiáticos ficavam cada vez mais afirmativos como resultado do desenvolvimento econômico, os muçulmanos, em números maciços, estavam simultaneamente se voltando para o Islamismo como uma fonte de identidade, sentido, estabilidade, legitimidade, desenvolvimento, poder e esperança – esperança sintetizada no slogan “O Islamismo é a solução”. Esse ressurgimento Islâmico é, na sua amplitude e profundidade, a última fase do ajuste da civilização islâmica ao Ocidente, um esforço por encontrar a “solução” não nas ideologias ocidentais mas no Islamismo. Ele personifica a aceitação da modernidade, a rejeição da cultura ocidental e o reengajamento no Islamismo como guia cultural, religioso, social e político para a vida no mundo moderno.²⁷

Em assim sendo, como se observa ao longo do texto, os efeitos da globalização são sentidos no mundo todo e, em alguns lugares em especial, trava-se uma luta constante contra tal movimento – seja a globalização ou a modernização – de modo a surgir um fundamentalismo exacerbado a espantar a “ocidentalização do mundo”. Assim, tem-se claramente que o fundamentalismo islâmico, muito aflorado nos dias atuais, nada mais é que um intenso movimento de resistência e busca por identidade dos países do Oriente Médio, num movimento contrário ao globalmente imposto.

26 CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. Tradução Klaus Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2006. p. 25.

27 HUNTINGTON, Samuel P. O choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem mundial. Tradução de M. H. C. Côrtes. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997. p. 134.

Conclusão

Datado do século XVIII, o início das navegações marítimas pode ser considerado como o marco inicial de uma mudança estrutural no mundo. Ali, ainda que timidamente, começava o que viria a ser chamado de globalização, num movimento a priori estritamente financeiro de troca de mercadorias entre países europeus e o resto do mundo.

Com o passar dos anos, tal movimento acabou por desencadear um comércio inimaginavelmente interligado, com trocas e contatos constantes e intermináveis entre todo o globo. E, nesse movimento globalizado de economia, passou-se também a acontecer a troca cultural, social e política de experiências e características, no que se pode chamar de uma globalização total de convívio social.

Surge, nesse viés, dois aspectos especialmente importantes: o localismo globalizado e o globalismo localizado, os quais traduzem a tendência de globalização: de um lado, a expansão das tendências locais – leia-se do ocidente – para o resto do mundo, adentando pequenas comunidades e se instalando como se dali fosse e, de outro, a luta dos povos menos desenvolvidos contra tal globalismo e seus impactos na cultura local.

Com isso, nesse contexto de imposição de um lado contra o outro, surgem diversas formas de resistência e, ao que se percebe, a mais comum delas é o surgimento do fundamentalismo religioso, o que acaba por ser o reduto de identidade e raiz buscado pelos povos – no caso em análise, do Oriente Médio – como forma de se identificar contra a globalização. É uma forma encontrada de se contra identificar dentro do “ocidentalmente imposto”, numa clara exclusão dos que excluem pelos excluídos.

Assim, tem-se que o movimento globalizante traz consigo o surgimento de um forte fundamentalismo religioso, na esperança de que ali se possa encontrar novamente as raízes locais e, de algum modo, contrariar a globalização.

Referências

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GIDDENS, Anthony. Sociologia. Tradução do original inglês intitulado SOCIOLOGY. 6ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HUNTINGTON, Samuel P. O choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem mundial. Tradução de M. H. C. Côrtes. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

IANNI, Octavio. Teorias da Globalização. 2º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A globalização e as ciências sociais. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.